

## 5.2 MANUSCRITO 2: O SOFRIMENTO MENTAL NO COTIDIANO FAMILIAR: TRAJETÓRIA TEMPORAL SEGUNDO O OLHAR DE MERLEAU-PONTY

### RESUMO

**Objetivo:** descrever a experiência da família no convívio cotidiano com o sofrimento mental.

**Métodos:** estudo qualitativo, fundamentado na ontologia da experiência do filósofo Maurice Merleau-Ponty, realizado entre julho de 2017 e junho de 2018, em uma cidade do estado da Bahia, Brasil, nos domicílios dos 24 participantes que integram as 10 famílias de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial tipo II. A produção das descrições ocorreu por meio das Rodas de Intersubjetividade, construídas como estratégia de partilha vivencial entre os participantes. As descrições foram submetidas à técnica Analítica da Ambiguidade.

**Resultados:** As descrições revelaram que o convívio com o sofrimento mental constitui uma experiência ambígua, a qual traduzimos, neste estudo, em duas categorias: Ausência como potência criadora do sentido de *ser e não ser* família; e, Exclusão e acolhimento como expressão do sofrimento mental no contexto da família. **Conclusão:** O estudo aponta que a experiência do sofrimento mental no cotidiano da família é marcada por sentimentos ambíguos, como alegria e tristeza, decepção e satisfação, desamor e amor. No entanto, a vivência desses sentimentos pode mobilizar o desejo de *tornar-se* família, aumento do senso de autonomia e independência, e impulsividade à formação de novas configurações familiares no Centro de Atenção Psicossocial.

**Descritores:** saúde mental; relações familiares; filosofia; enfermagem.

**Keywords:** mental health; family relationships; philosophy; nursing.

**Descriptores:** salud mental; relaciones familiares; filosofía; enfermería.

### Introdução

A apropriação da loucura pelo saber psiquiátrico, que a tornou administrável, a medicalizou e lhe deu *status* de doença, fez com que ao louco restasse apenas a exclusão do seio sociofamiliar<sup>(1-4)</sup>. O isolamento nos manicômios foi justificado de forma ambígua, visto que, ora a psiquiatria responsabilizava a família pelo adoecimento, ora a colocava em condição de vítima<sup>(2-5)</sup>. A relação da família com o ‘louco’, limitou-se ao papel de

encaminhamento ao hospício para receber cuidados médicos, além de visitação e fornecimento de informações relativas a seu histórico<sup>(2)</sup>.

As propostas de desinstitucionalização, impulsionadas no Brasil na década de 1970, pelo movimento da Reforma Psiquiátrica, compõem o projeto de substituição das práticas psiquiátricas pelo cuidado realizado na comunidade, com o envolvimento das famílias<sup>(1,4,6)</sup>. Assim, o modelo de atenção psicossocial passou a orientar o compartilhamento do protagonismo do cuidado por usuários e familiares, de modo a pautarem a reinserção social em termos de complexidade e existência<sup>(5,7)</sup>.

Esse modelo de cuidado demanda a criação de uma Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) que ofereça suporte à família para reconhecer as mudanças cotidianas emergentes sob o signo de diferentes configurações e dinâmicas e adaptar-se a elas<sup>(8)</sup>. Tais mudanças ocorrem no ciclo da vida individual e familiar, e são próprias do desenvolvimento humano, no contexto das transformações políticas, culturais, demográficas, entre outras, que, de alguma forma, repercutem nas famílias<sup>(7-10)</sup>.

O envolvimento familiar no cuidado torna-se mais evidente à medida que um de seus integrantes passa por um sofrimento que demanda a reorganização do grupo para lidar com a nova situação, e, depende do potencial do qual a família dispõe para ressignificar o passado, o presente e o futuro, de modo a fazer mover o circuito solidário entre seus entes<sup>(11-12)</sup>. Nessa compreensão, o cuidado engloba modos de ser envoltos em valores, atitudes, empatia e afetos que possibilitam às pessoas cuidarem do semelhante ao mesmo tempo em que cuidam de si mesmas<sup>(12)</sup>.

Em decorrência das transformações e necessidades sentidas por famílias que vivenciam o sofrimento mental, vários atores sociais têm tentado apoiá-las, desde líderes religiosos, médicos, pedagogos, até, mais recentemente, os terapeutas de família, todos buscam construir alianças e bons encontros<sup>(3)</sup>. Entre os profissionais de saúde, destacam-se os

da enfermagem, que, por meio de consultas, atividades de grupo e visitas domiciliares, entre outras ações, têm buscado desenvolver relações terapêuticas pautadas na escuta, no diálogo e no atendimento às necessidades desveladas por meio da intersubjetividade construída com as famílias<sup>(6-7,13-14)</sup>.

Nesse contexto, a família tanto pode ser considerada uma extensão de seu integrante com sofrimento mental, quanto uma rede de apoio informal para ele, de modo que a sua participação no cuidado pode fortalecer laços afetivos e auxiliar em suas relações sociais <sup>(7,9)</sup>. Essa compreensão tem impulsionado os profissionais da saúde a desenvolverem práticas voltadas ao reconhecimento e à valorização de situações cotidianas que mobilizam o cuidado no território, por meio de iniciativas de educação permanente, que possibilitem a construção de conhecimentos, autonomia, empoderamento e reinserção social<sup>(7,15-16)</sup>.

Embora os autores consultados evidenciem sua concordância quanto à importância das ações de cuidado à família, não encontramos discussões e trabalhos que sistematizem um conhecimento contextualizado a respeito da percepção da família sobre o modo como a instabilidade e a imprevisibilidade cotidiana interferem na saúde e no sofrimento de seus integrantes. Nossa vivência no campo da Saúde Mental tem permitido aproximar-nos de famílias que vivenciam o sofrimento mental e intuir que elas experimentam o sofrimento em seu cotidiano, como um desenrolar do tempo, uma experiência atual entrelaçada a um passado que se impõe, mas que não se mantém como um eterno presente.

Essa reflexão nos permitiu compreender que, assim como o cotidiano se constitui de eventos dinâmicos, experiências de sofrimento mental também podem mostrar-se de forma dinâmica e ambígua, tanto no seio de uma mesma família, quanto nas diferentes famílias, o que nos conduziu ao objetivo do artigo que é descrever a experiência da família no convívio cotidiano com o sofrimento mental.

## Método

Trata-se de uma pesquisa fundamentada no referencial teórico filosófico de Maurice Merleau-Ponty, que aborda a temporalidade trazendo a noção de que a consciência se organiza em relação ao fluir do tempo<sup>(17)</sup>. Essa abordagem foi construída a partir da compreensão de que o passado, como um não-saber de si (*corpo habitual*) surge apoiado à experiência presente (*corpo atual*), como um lançar-se ao futuro (*corpo perceptivo*), uma abertura de vir a ser<sup>(17-19)</sup>. Para Merleau-Ponty, essa simultaneidade aparece no contato do sujeito *perceptivo* com o mundo, “como se a visibilidade que anima o mundo sensível emigrasse não para fora do *corpo*, mas para outro *corpo* menos pesado, mais transparente, como se mudasse de *carne*, abandonando a do *corpo* pela da linguagem”<sup>(17)</sup>.

O estudo foi desenvolvido com dez famílias que vivenciam o sofrimento mental, no período de julho de 2017 a junho de 2018, em uma cidade do estado da Bahia, Brasil. O procedimento para a seleção das famílias ocorreu em reunião do projeto de extensão universitária “Grupo de Ajuda Mútua e Intersubjetividade do cuidar”, realizada no Centro de Atenção Psicossocial tipo II (CAPS II), em que usuários se dispuseram a participar da pesquisa e indicaram outros membros de suas famílias.

Assim, participaram dez famílias que formaram um grupo de 24 participantes, selecionados com base nos seguintes critérios: ser maior de dezoito anos; ser usuário do CAPS II ou familiar (considerando que só puderam participar aquelas famílias que tivessem ao menos um de seus membros cadastrado no serviço); e ser pessoa significativa para a família, mesmo não possuindo laço consanguíneo. No que se refere às características dos entrevistados, a maioria ganha um salário mínimo, tem ensino fundamental, é de religião protestante e idade entre 18 a 77 anos.

A produção das descrições vivenciais (falas) dos participantes da tese de doutorado intitulada “Autonomia, empoderamento e reinserção social como operadores de

desinstitucionalização na experiência de famílias que vivenciam o sofrimento mental”, ocorreu por meio da realização de entrevistas fenomenológicas e Rodas de Intersubjetividade, realizadas nos seus domicílios e na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Neste artigo, que constitui um recorte da tese, apresentamos algumas descrições dos participantes das rodas de intersubjetividade que aconteceram nos domicílios de todas as famílias.

Ao construirmos a estratégia das rodas de intersubjetividade, buscamos inspiração nas rodas de conversa, que constituem espaços de problematização e partilha de informações<sup>(20)</sup>, com vistas a uma maior adequação ao referencial teórico filosófico utilizado. Propõe-se compreender as vivências por meio do “retorno às coisas mesmas”, ocorrendo como uma retomada do mundo vivido intuitivamente<sup>(18:03)</sup>.

As rodas de intersubjetividade foram iniciadas mediante a apresentação da síntese *peripatética*, ou seja, um texto contendo o retrato do território onde as famílias habitam, oriundo da experiência descrita por cada participante, durante as entrevistas fenomenológicas. Essa denominação foi inspirada na noção de Clínica Peripatética, que considera o perambular das pessoas em sofrimento mental pelo território como possibilidade para desenvolver experiências clínicas que envolvem a descoberta de dispositivos que contribuem para a reinserção social<sup>(21)</sup>.

As rodas de intersubjetividade foram realizadas conforme as seguintes etapas: 1) acolhimento e integração entre pesquisadoras e famílias; 2) leitura da síntese *peripatética*; 3) construção do mapa do “eu posso” (forma de apresentar os espaços sociais que apareceram na síntese peripatética por meio de figuras ilustrativas, posicionadas em papel madeira como imagem única); 4) jogo das redes (forma lúdica de levar a família a refletir sobre as possibilidades de perambulação pelo território, mediante utilização de pincéis atômicos para

ligar as figuras contidas no mapa do “eu posso”, justificando o porquê da escolha<sup>(22)</sup>; 5) encerramento (avaliação da atividade).

Os textos resultantes das rodas de intersubjetividade foram submetidos à *Analítica da Ambiguidade*, que consiste em uma estratégia de compreensão de descrições vivenciais originárias de estudos de base fenomenológica e ocorre na perspectiva de que, enquanto estamos lendo o material empírico, sentimos algo com o qual nos identificamos e “somos capturados por uma experiência inédita que nos faz trazer para o presente um mundo que nos é estranho, mas que, ao mesmo tempo, parece-nos familiar”<sup>(23:774)</sup>.

A *Analítica da Ambiguidade* ocorreu de acordo com as seguintes etapas: realização de leitura primorosa das descrições buscando perceber a relação figura-fundo, que emerge do texto e de suas entrelinhas; identificação de teses que sustentam a objetificação das coisas como um em si; percepção de expressões que revelam ambiguidades e que se caracterizam como perfis de um todo; e, em seguida, categorização<sup>(23)</sup>.

A pesquisa atendeu aos critérios éticos estabelecidos pela Resolução N° 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, tendo o estudo sido aprovado em 13 de julho de 2016 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB, sob o parecer n° 1.634.377/2016 e CAE: 52049615.9.0000.0055. Para garantir o anonimato, os usuários do CAPS II escolheram codinome de aves, os demais integrantes da família, de animais, e, os profissionais, de árvores.

## **Resultados**

A leitura das descrições vivenciais das famílias que participaram do estudo, segundo a perspectiva merleau-pontyana, nos possibilitou perceber as ambiguidades presentes na experiência da família que convive com o sofrimento mental em seu cotidiano, desveladas neste artigo nas categorias: Ausência como potência criadora do sentido de *ser* e *não ser*

família; e, Exclusão e acolhimento como expressão do sofrimento mental no contexto da família.

### **Ausência como potência criadora do sentido de *ser e não ser* família**

Nessa categoria, apresentamos descrições dos participantes do estudo que revelam a potência da ausência da família no cotidiano e sinalizam desejo de pertença, afetividade e estruturação, mobilizados pela percepção do *ser e do não ser* família no contexto do sofrimento mental.

A falta da família apareceu entrelaçada a sentimentos de solidão, tristeza e decepção, que, por um lado, revelam o desejo de afetividade, companhia e atenção, e, por outro, podem produzir independência e autonomia.

*[...] sempre morei sozinho. [...] eu tinha minha madrasta em casa e minha irmã, mas, nenhuma interferiu na minha vida. Nunca tive isso de família, meu pai andava viajando. Aprendi a viver sozinho, e, isso, de qualquer forma, não foi só culpa minha porque nunca tive estrutura tive quando morei com minha mãe, ela me estruturava, só que ela foi embora. A culpa hoje foi do meu pai, a pessoa que sou foi graças ao passado. Nunca tive um pai, só o pai da monetarização, porque ele só pagava. Dava um conselho de longe, por telefone.*  
(Pitbull)

*[...] ninguém pode viver sozinho. (Ovelha) [...] não é bem assim! Tem dois lados. [...] passei pela experiência do casamento, e, quando me vejo morando sozinho, às vezes, me sinto muito feliz. Sei que não é saudável morar sozinho. É ter momentos ruins também, momentos de tristeza. (Fênix) [...] também moro sozinha (risos), gosto muito da minha independência, é dez, é tudo. [...] você não está gostando porque é novo, quer ter uma mulher. Mas, no meu caso, não. (Tigre)*

As descrições revelam ambiguidades relacionadas à ausência de apoio da família na figura do pai ou cônjuge do integrante com sofrimento mental, no entanto parece abrir perspectivas para vivências mais gratificantes em experiências futuras.

*[...] posso melhorar, porém, a pessoa que foi estruturada desse jeito, nunca vai mudar. [...] a gente volta tudo para o pilar da família [...], sei que a pessoa pode viver sem uma, mas é difícil. Podemos viver sem um pai, mas é difícil (Pitbull) [...] É verdade, porque eu também não tive meu pai, quando minha avó morreu, tive que pegar o exemplo de outras pessoas para ser quem eu sou [...]* (Avestruz) *[...] eu tomei como experiência que se eu tiver um filho ou uma filha, vou fazer diferente: a minha esposa, eu não vou trair, não vou ter mais de uma esposa; eu vou cuidar do meu filho; vou ser presente em minha família.* (Pitbull)

*[...] meu filho gostava de jogar bola e eu também jogava [...].* (Arara) *[...] sempre gostei de jogar bola com os meninos e ele sempre me prendia disso. [...] eu pulava a cerca, eu dava um jeito de ir.* (Ursa) *[...] o que a gente viveu no passado junto com o que está vivendo no presente, pegar isso tudo e jogar lá no futuro. Só basta ter força de vontade. [...] quem sabe a gente dá uma sorte na vida, dá um revertério (mudança)!* (Arara)

As descrições mostraram que, apesar de os integrantes das famílias residirem na mesma cidade, não há aproximação suficiente para mobilizar a família ao acompanhamento do usuário do CAPS, embora demonstre desejar fazê-lo:

*[...] machuca não ter um pai, não ter uma mãe, [...] mas ela (a namorada) veio, ela supriu a minha solidão [...] o que falta hoje, só é acompanhar mais a minha mãe (usuária do CAPS) [...].* (Pitbull) *[...] a vida dele se resume a casa, rede sociais, namorada e trabalho, agora, porque eu estou fora.* (Avestruz)

*[...] minha tia falou com minha irmã para cuidar de mim, ela (a irmã) disse que eu não estava doente. Quando ela viu que eu ia matar a filha dela, porque eu fiquei surtada, aí*

*ela me internou [...] (ainda hoje,) meus irmãos cuidariam de mim, ela não. (Galinha) [...] ela tem condições financeiras, poderia até ajudar, mas não faz isso. (Rottweiler)*

### **Exclusão e acolhimento como expressão do sofrimento mental no contexto da família**

Nessa categoria aparecem descrições que refletem, por um lado, a exclusão da família consanguínea, que se entrelaça à vivência do sofrimento mental e ao individualismo dos seus integrantes; e, por outro lado, o surgimento de uma nova configuração de família pela coexistência de sentimentos como respeito, amizade e alegria, entre usuários do CAPS.

As descrições revelam a exclusão no seio familiar, demonstrada por meio de sentimentos de desinteresse, desunião, desamor, modos de expressar o distanciamento, e da falta de escuta e acolhimento que desconstruiu a tese de que há sempre amor entre a família.

*[...] a gente se afastou, ninguém senta para perguntar o que está acontecendo, ninguém quer saber. Somos muito individualistas. (Tigre) [...] fiquei até surpresa de saber que você (Tigre) achou que a família te excluiu. (Tigre) [...] Tem muitas exceções, mas que eu senti, eu senti. Eu também tirei essa fala vinda do próprio casamento, pois quando eu adoeci, a gente separou por causa da doença. [...]. (Fênix) [...] o dever dela (esposa) não era chutar, era ajudar. (Ovelha)*

*[...] acho que há desunião da parte dos irmãos [...] cada qual quer viver a sua vida, não se importa com o outro, [...] da parte da gente, dos filhos, acho que é falta de afeto mesmo, cada um vive a sua vida, se preocupa, mas não como deveria. Da minha parte, já (começou a reconstrução da relação), ele sabe disso, há muito tempo. (Ursa) [...] filho só gosta do pai se tiver dinheiro. Não tenho isso. Eles podiam pensar que eu tenho problema, que fico lá sozinho, jogado, igual cachorro, e pensar: vou lá ajudar ele em algo. Não queria nada, bastava dar carinho e amor. É mais fácil tu chegar aqui (domicílio), me levar em algum lugar, do que eles (a família), por isso que eu mesmo saio sozinho, viajo para tudo*

*quanto é canto, sozinho. [...]. Esse pessoal quer que a gente morra, quando a pessoa tem amor por outra a gente conhece. (Arara)*

Por outro lado, as famílias desvelaram o potencial do diálogo que acontece no CAPS para a transcendência de sentimentos mais gratificantes, como acolhimento, confiança, alegria, amizade e pertença, que compõem novas relações e uma nova configuração de família, como mostram as descrições:

*[...] fico triste porque eu não posso ir mais lá (cidade onde morava antes da crise), a família ficou revoltada comigo, porque ele morreu mais por causa da facada que eu dei nele (o marido), porque atingiu a veia do coração dele. Aí a família ficou de mal comigo. [...] gosto de ficar conversando com meus colegas para esquecer o passado, porque ele ainda está na minha cabeça. (No CAPS) fico alegre, parece que nasci de novo, lá, a gente fala a mesma língua, eu me solto, falo tudo, tem muita gente com quem eu gosto de prostrar, como se fosse uma família. (Galinha)*

*[...] na semana que eu estou meio triste, converso com Bambu e já saio de lá (do CAPS II) renovado. Um lugar essencial, um porto seguro, o CAPS é um lugar assim. [...] (Fênix) [...] quando você sai com uma pessoa que você gosta, não vai nem perceber a multidão que está em volta. [...] conversar sobre alguns assuntos e tal, isso é maravilhoso. (Tigre)*

*[...] Um dia, Cisne falou: Arara, a gente não pode ficar com raiva, não, porque nós somos amigos. Aí, eu falei: mas você xingou minha mãe [...], eu já ia sair do CAPS por sua causa, ele falou: não, não sai capitão. (Arara) [...] ele incentiva outras pessoas a conviver na sociedade, porque lá (no CAPS) estão vendo o exemplo, um ajudando o outro. (Ursa) [...]. É por isso que eu falo que são minha família, dia a dia nós estamos juntos, somos uma família. (Arara)*

## Discussão

Olhar a experiência do sofrimento mental no cotidiano da família de usuários do CAPS II, à luz da noção de temporalidade, como intencionalidade inerente ao *ser*, nos permitiu compreender a atividade temporal do mundo familiar como um *turbilhão*<sup>(17:22)</sup>, termo utilizado pelo autor, especialmente, para referir-se à vivência de intercorporalidade que se instala nas relações entre os sujeitos. Nesse turbilhão, ocorre um processo de autoconstituição temporal e, portanto, diferenciação do ser em modos de ser no mundo, mediante a experiência da transcendência suscitada entre os sujeitos, cuja identidade se faz e refaz na relação com o outro<sup>(17,19,24)</sup>.

A constituição temporal configura-se pela atualização constante do presente, que contrai em si um horizonte de passado, referente à retomada de vividos socio históricos e intuições, e um horizonte de futuro, caracterizado como virtualidade prospectiva, preenchida de desejos e esperanças<sup>(17)</sup>. Segundo afirma Merleau-Ponty, referindo-se ao horizonte de passado: “o passado se adere ao presente, e não a consciência do passado que adere à consciência de presente”<sup>(17:222)</sup>.

A vivência do sofrimento mental no cotidiano da família constitui um campo fenomenal, no qual os fluxos temporais de seus membros se entrelaçam e vários perfis se manifestam, trazendo consigo ambiguidades. Dentre esses perfis, o sentimento de solidão pelo distanciamento dos integrantes da família, fez ver modos de *ser* e *não ser* família, que se atualizam na simultaneidade das dimensões de presença e ausência, visibilidade e invisibilidade, perfis que se mostraram como traços essenciais tanto da experiência percebida, quanto da experiência intersubjetiva.

O convite à família para voltar seu olhar à experiência do sofrimento mental desvelou a ausência, tanto como o *não ser* família, quanto como o desejo de *tornar-se* família, na cotidianidade da vida; mostrou a percepção dos participantes do estudo de que a família não

acompanha como deveria o integrante com sofrimento mental em seu cotidiano; e, ainda, revelou um horizonte de coexistência que permitiu às famílias reconhecerem a falta de afeto e o individualismo, no lugar da escuta e do entendimento de sua dinâmica vivencial<sup>(9,25)</sup>.

Essa percepção, sobre a falta de afeto e sobre o individualismo que permeiam, as relações entre a família e o integrante com sofrimento mental, nos remeteu à noção de efemeridade e liquidez de relações que parecem submetidas à lógica do mercado, em que os vínculos estabelecidos com os semelhantes, que deveriam ser duradouros, são tratados como mercadorias e produtos que podem ser substituídos a qualquer tempo<sup>(25-26)</sup>.

Nessa lógica, o afeto e o sentimento de pertença a uma relação ou a um grupo, seriam substituídos por relacionamentos fragilizados e esvaziados de humanidade, porém muito mais funcionais na lógica da cultura utilitarista<sup>(26)</sup>. Essa compreensão reverberou nas descrições dos participantes, ao tentarem desconstruir a tese defendida por Galinha, de que “sempre há amor na relação entre pais e filhos”. Eles o fizeram mediante a expressão de sentimentos ambíguos relacionados à falta de atenção e afeto, a exemplo de Arara, que afirma não ter dinheiro para dar aos filhos, e Pitbull, que diz não ter tido um pai presente, só o pai da monetarização.

As descrições também revelam ambiguidades relacionadas ao sentimento de solidão. A vivência de solidão ora se mostra como promotora de independência, autonomia e empoderamento frente à vida, ora como coexistência de sentimentos de tristeza e alegria, desejo de continuar morando sozinho e de buscar companhia. Esse movimento ambíguo da percepção corrobora a suspensão da tese presente nas descrições de que “ninguém pode viver sozinho”. O desejo de buscar companhia ficou mais evidente entre as descrições dos usuários do CAPS II, Fênix e Avestruz, corroborando um estudo que evidencia a necessidade de cuidado e proteção, diante da trajetória intensa pela qual comumente passam<sup>(27)</sup>.

Entretanto, a descrição de Pitbull, “nunca tive família”, desvelou o retorno a sua dimensão sensível, ou seja, o retorno às coisas mesmas, trazendo à tona sentimentos de

abandono e desprezo vivenciados na relação com a sua irmã e a sua madrasta. Essa compreensão nos fez ver a ausência da família como um *não ser*, um invisível, que se, por um lado, mostra o distanciamento da família constituída pelo pai, ao casar-se com outra mulher<sup>(8,28)</sup>, por outro lado, revela o sentido de *ser* família, fundamentado no desejo de construir relações de respeito, confiança, pertença, estruturação e afetividade.

Assim, *a carne sensível*, descrita por Merleau-Ponty<sup>(17-18)</sup> como linguagem, experiência da fala, reflexão, promoveu abertura a novas e infindáveis transformações, por meio da comunicação de sentimentos mais gratificantes, tais como afeto, carinho e solidariedade; aspectos que revelam a coexistência com o semelhante, uma generalidade, que mobiliza a transformação da personalidade, do ser cultural.

A identificação com uma vivência gratificante promove uma mudança tão radical no *corpo* (percepção) que não percebemos mais onde e quando tudo começou. Ou seja, ao mesmo tempo em que a universalidade do sentir (sentimento de coexistência) nos mobiliza para a alteridade, para estabelecermos novas identificações como seres históricos, ela produz novas coexistências e generalizações<sup>(17-18)</sup>.

Essa compreensão nos fez ver a disposição dos participantes do estudo para a transcendência a sentimentos mais gratificantes no futuro, como observamos na descrição em que Pitbull revela a intenção de construir uma família nuclear/tradicional idealizada<sup>(10,29)</sup>. Enquanto desconstrói a tese de que “uma pessoa estruturada de um jeito, não pode mudar”, ele reafirma padrões presentes nos comportamentos transmitidos através de gerações<sup>(10)</sup>.

A noção de família, expressa por Pitbull, desvela um jeito de *ser* família como diferenciação e entrelaçamento, e corrobora o estudo que evidencia o papel da família na sociedade como identidade relacional generativa e de reconhecimento interpessoal, envolvendo a estrutura “natural” como processo de geração, transmissão e expectativa de transformação cultural<sup>(30)</sup>. Ao mesmo tempo em que as descrições revelam o desejo de

re-significar a convivência familiar, elas mostram a necessidade do envolvimento afetivo e do tornar-se fonte de esperança, felicidade, solidariedade e criatividade<sup>(12,30)</sup>.

Do mesmo modo, a percepção dos participantes sobre exclusão e acolhimento no contexto da família não se mostrou como uma assimilação de significações linguísticas silenciosas, mas como uma estrutura diacrítica que forneceu um conjunto de desvios, intervalos e descontinuidades entre os componentes sensíveis dos objetos percebidos que se desvelaram de modo ambíguo<sup>(17-18)</sup>; ora, como abandono, solidão e ausência por parte da família consanguínea, e, ora, como acolhimento, amizade e presença por parte de outros usuários e dos profissionais do CAPS, que se tornaram como uma família para os integrantes da família que vivencia o sofrimento mental.

A intersubjetividade com esses participantes nos fez ver um jeito de *ser* família em cuja relação entre os membros, não obstante haja consanguineidade, coexistem sentimentos de distanciamento, desinteresse, exclusão, desunião, desamor, e falta de escuta e acolhimento. São, essas, vivências ambíguas que desconstróem a tese de que “sempre há amor entre os familiares”. Porém, estudos destacam que o processo de identificação com a família sugere o reconhecimento do amor que existe entre seus membros, partindo do pressuposto de que se ama quando se percebe no outro o reconhecimento da própria necessidade de amar e sentir-se amado<sup>(12,25)</sup> – isso se compreendermos o poder do amor para tornar-se meio simbólico generalizado de intercâmbio entre a família e a sociedade inteira<sup>(25)</sup>.

Ao desvelar o potencial do diálogo entre seus integrantes e outros usuários do CAPS, as famílias fizeram ver a vivência do amor entrelaçado a sentimentos gratificantes, como acolhimento, respeito, confiança, alegria e amizade, que evidenciam tanto relações de cuidado, quanto a constituição de uma nova configuração de família, aquela que fortalece o sentido de pertença, de estar entre iguais<sup>(26)</sup>.

Nossa imersão no contexto vivencial dos participantes do estudo possibilitou-nos compreender que o diálogo sobre a experiência do sofrimento mental no cotidiano da família existe entre “dois silêncios”: o da “expressão à experiência muda, ignorante de seu próprio sentido”, mas que pode romper nosso contato com as coisas e nos “tirar do estado de confusão” em que nos achávamos com as coisas todas para nos “despertar para a verdade de sua presença, para tornar sensíveis seu relevo e nosso traço de união com elas”; e, o da linguagem ao “enigma do *ser*, que, para além do movimento das puras significações, se perfila à massa silenciosa do discurso, aquilo que não é da ordem do dizível” (17:263).

A intersubjetividade construída no estudo nos fez perceber a necessidade de usarmos de sensibilidade ao aproximar-nos das famílias que vivenciam o sofrimento mental, com intuito de produzir diálogos, vínculos e abertura de espaço à ressignificação de modos de *ser* família, no sentido de reconhecer que ambiguidades como tristeza e alegria, amor e ódio, orgulho e decepção, são inerentes à natureza humana e, portanto, fazem parte do cotidiano da família.

Portanto, essa aproximação às famílias mostra a necessidade de mobilizar a sensibilidade do enfermeiro e de outros profissionais do campo da saúde mental com relação ao desejo de construir caminhos criativos e solidários para atuar no contexto da família que vivencia o sofrimento mental, como um retornar às coisas mesmas. Assim, por meio do diálogo e da intersubjetividade esses trabalhadores podem conhecer o que existe, o que é experimentado, o que é vivido pelas famílias, de modo a compreender suas singularidades e demandas cotidianas e, por meio de uma linguagem comum, expressar modos de cuidar na integralidade que constrói e é construído como intersubjetividade.